

CNP 2144.27

O GUARANI

ÓPERA EM 4 ATOS

DO

M.^o A. CARLOS GOMES



Regente

ARMANDO BELARDI



Para o poema dêste libreto há uma explicação necessária:

Extraído diretamente da partitura musical de «O Guarani» de A. Carlos Gomes, êle é a resultante da tradução que pôde ser adaptada aos diversos ritmos — correspondendo cada sílaba a uma nota — de acôrdo com o seguinte preestabelecido:

- 1.º) Manter o pensamento do poema italiano sôbre o qual foi escrita a ópera.*
 - 2.º) Não alterar de modo algum, os valores musicais — o que é usual nas traduções dêste gênero.*
 - 3.º) Que cantasse perfeitamente sem desprimor para o vernáculo.*
 - 4.º) Observar, e, em alguns pontos, restabelecer a verdade histórica dando a dramaticidade e a emoção necessárias.*
 - 5.º) Criar um clima próprio e adequado que desse à ópera mais popular do Brasil — a brasilidade que não pôde ter em idioma estranho.*
 - 6.º) Atender à tacitura das vozes, à respiração dos cantores, aos tempos de compasso — de modo a recair em cada tempo forte uma tônica prosódica, — às pausas, à gravidade ou agudez das notas, às rimas, etc.*
- Dêste modo, obrigado a tal complexo, é evidente, nem sempre o poema satisfaz ao próprio tradutor que, o não considerando obra original, de mérito artístico — o tem, apenas como ensaio e colaboração para o canto em idioma pátrio e um modesto trabalho a serviço da glória de Carlos Gomes.*

C. PAULA BARROS

O GUARANI

PERSONAGENS

D. ANTONIO DE MARIZ, velho fidalgo português.

CECILIA (CECI), sua filha.

PERÍ, cacique dos guaranis.

D. ALVARO, aventureiro português.

GONZALES, aventureiro hóspede de D. Antonio.

RUI BENTO, idem.

ALONSO, idem.

O CACIQUE dos Aimorés.

PEDRO, homem de armas de D. Antonio.

Aventureiros de diversas nacionalidades. Homens e mulheres da colônia portuguesa.

Selvagens da tribo dos Aimorés.

Passa-se a cena no Brasil, em 1560, próximo ao Rio de Janeiro.

Esplanada ante o solar de D. Antonio de Mariz

Ao abrir do velário a cena está deserta. Depois, alguns grupos de comparsas atravessam-na transportando animais abatidos. Ouvem-se internamente sons de caça. Entram os caçadores D. Alvaro, Gonzales, Rui, Alonso, Aventureiros.

PRIMEIRO ATO

CENA I

Ano — 1560

Côro

Corre o caçador,
do vale ao monte,
aonde fôr!
Debalde fuge a ele a fêra
e vai sutil!
Foge sutil
e ruge, inutilmente,
contra o ardil
e o valor
do caçador
No antro vai fremir,
esconder-se e espreitar...
porém si quer fugir —
caçador a vem matar!
Depois, suspende a presa
com alegria e ardor.
Depõe, cançado, o arco
e a flêcha, o caçador!
.....
E glória! E glória!
Glória ao caçador!

DIALOGO, CENA E ENTRADA DE PERÍ

D. Alvaro, Gonzales, Rui, Alonso,
chegam do fundo

GONZALES, com ironia, a Alvaro,
Enfim chegamos ao teto bom e amigo
que, si, em ti, faz brotar feliz ternura,
esqueçamos o sofrer...

D. ALVARO, irritado.
Com que direito os meus segredos
vens aqui contar?

GONZALES
Calma! Aventureiro, paz!

RUI E ALONSO, rindo

Ah!... Ah!...

GONZALES, irônico
Muito te inflama o disfarçado amor...

ALONSO, rindo

Desalmado!...

RUI, também rindo.

Ah!... Piedade tem...
que o pobrezinho está bem enamorado!

VOZES

Oh! Piedade!...

que o pobrezinho está enamorado!

GONZALES, consigo mesmo.

Só em Cecilia pensa...

E ele é ciumento!

ALVARO, a Gonzales
Que pensas tu, cismando assim?

GONZALES

Nada! Nada!

(consigo mesmo)

De ti, ó sim, a irei guardar...

de ti, jamais será —

que abrasou meu peito inquieto,
fogo fatal de ardoroso afêto!...

Afêto!...

D. ALVARO, consigo mesmo.

Ele a mim quer mal

mas não temo o seu rancor.

RUI E ALONSO

Vem o Senhor!

VOZES

Vem o Senhor!

GONZALES, consigo mesmo.

Pois simular convem

ódio e amor.

Diálogo, cena e entrada de Perí

CENA II

D. ANTONIO, do solar, os ditos personagens e os homens de armas que o seguem.

Oh! sêde aqui bem vindos!...
Por certo foi bem longa a vossa ausência
Enquanto ao longe vos levava a caça
aconteceu cruel desgraça...

ALVARO
Ceus! Nem um de nós o sabe...
D. ANTONIO
Por um dos nossos,
num grave engano,
uma gentil donzela
da tribu vil dos aimorés
foi morta...
Jamais perdoa o fatal engano
e, fremente, a tribu a quer vingar...

GONZALES
Completamente!
E, por certo, de novo,
havemos de lutar!
e nos valer das armas...

RUI E ALONSO
Qualquer de nós é um forte
e o bravo aventureiro,
afronta a morte!...

D. ANTONIO
De modo inutil seria a vossa força
si um genio protetor, da minha filha,

a existência querida não salvasse.

ALVARO
Ceus!... Oh! Devéras?...

D. ANTONIO
Num recanto ameno,
incauta, num remanso,
ela aspirava o perfume do bosque...

ALVARO
E... foi surpresa?

D. ANTONIO
Por selvagens... ocultos...
e, presa deles, minha filha seria
si a viva força, dos impios,
não fosse arrebatada!

D. ALVARO, GONZALES, RUI E
ALONSO

Quem foi o salvador?...

D. ANTONIO
O mesmo!... Aqui se encontra...
Vêde, é este! É este!

CENA III

GONZALES
Um selvagem!...
ALVARO, RUI, ALONSO
Salve!
D. ANTONIO a Peri que evita
aproximar-se
Amigo, aqui vem...
GONZALES (com ironia a Peri)
Mas quem és tu?
Responde!
Tu, que nós tanto e tanto admiramos?

PERI, olha-o e diz depois com
altivês
Peri, exclama,
quando me chama,
a tribu indomita
dos guaranis
Sou nobre e forte,
não temo a morte,
e filho sou do meu rei —
do grande rei, do meu país!

D. ANTONIO
E eu te proclamo
de mim fraterno...
abraçando-o
eu velho fidalgo.

PERI, vem do fundo. à direita
Fiel amigo eu sou!
GONZALES, RUI, ALONSO
Que nobre olhar tem!
D. ANTONIO a Peri
Que me dizes?
PERI
Perto está o inimigo
talvez forjando atroz vingança...

D. ANTONIO
Explorador fiel, só em ti confio!

PERI
E bem o pode!
Dos Aimorés a malsinada empresa
espero ver cair.

D. ANTONIO
Talvez convenha ciladas prevenir...

PERI
Senhor socegue:
todo o meu ser se inflama...
Sim! Todo o meu ser se inflama!
Irei quebrar
a miseravel trama!...

CENA IV

Polaca — Entrada de Cecilia

CECILIA, (do interior)
Retorna... retorna...
retorna, Senhor,
e dias felizes
teremos de amor... de amor...

PERI
Ela!...
GONZALES, RUI, ALONSO

Quem canta?
D. ANTONIO
De amorosas notas,
minha gentil menina,
a brisa faz vibrar...

ALVARO
Prazer supremo!
Bem o sinto em meu peito.

GONZALES
Por certo ele é feliz!
Cruel tormento!
CECILIA, (acompanhada de moças,
os mesmos e em seguida, Peri.)
De meigo coração gentil,
graciosa de semblante,
é doce o meu afeto
e o riso, um diamante.
De alegre encantamento e ardor
em mim resplende a luz do olhar
si leio nos seus olhos,
de amor, a luz, a rebrilhar...
De amor uma centelha...
Somente a êle envio o meu cantar
na asa que faz vibrar o vento...
um canto de amor
e a flor de um pensamento!

CÔRO, a Alvaro
Feliz criatura,
prende-a com vivo ardor
CÔRO,
que dias felizes gozareis de amor.

CECILIA
Retorna!... Retorna!...
Prende-me a ti,
com vivo ardor,
e, dias felizes,

teremos de amor,
PERI
Oh! feliz criatura!
GONZALES, (consigo mesmo)
Certo a irei guardar
e a saberei bem espreitar...
VOZES

Ah! Feliz criatura...
GONZALES
Tua, jamais ela será!
sinto no peito chama fatal...
de ardoroso afeto.

VOZES
Dias felizes tereis de amor.

CECILIA
De amor! De amor!
Ave Maria!
D. ANTONIO, (chamando a atenção
de Cecilia para D. Alvaro).

Cecilia exulta!
Eis, de volta aos nossos lares,
o esposo que teu pai te escolhe!

CECILIA, (confusa, empalidecendo)
êle!
D. ALVARO, (aproxima-se de Ceci-
lia, com afeto).
Oh! Cecilia!...

D. ANTONIO, (à parte, a Cecilia)
O olhar baixando...
e branca, de visível palor?...
Inclina a fronte?

CECILIA, (dominando-se)
Inclino-a ao teu querer!

D. ANTONIO, (severamente)
Obedecer-me é dever, dever de filha!...
.....
(Sinos)

D. ANTONIO
A luz da tarde,
a voz do sino implora
a prece desta hora...
E todos juntos,
neste sofrer geral que nos contrista,
de joelhos roguemos,
ao alto ceu vamos rogar!...

CECILIA, D. ALVARO, GONZA-

LES, RUI, ALONSO, outras vozes
Imploremos com fervor!

D. ANTONIO
Oremos e esperemos do Senhor...

TODOS
Esperemos!
(Descobrem-se e ajoelham-se todos)

D. ANTONIO
Salve ó Virgem Mãe de Jesus,
de Jesus sacrosanto!
E nos ampara, ó Mãe de Deus,
no amargor do pranto!
Por que és mãe — és forte!
Ó Estrela, nos guia!
E nos vem salvar da morte,
Ave Maria!

TODOS
Ave Maria!...

GONZALES
Jamais o sangue volte a correr
dos gladios vingadores

D. ANTONIO
Faze-nos ver passar, terminar,
o rancor do inimigo...

VOZES
Ave Maria!
(Peri que se aproxima, ao deparar
com todos ajoelhados deixa-se ficar
respeitosamente em seguida a Gon-
zales)

CECILIA E D. ALVARO
E si passar o vendaval,
um dia azul, feliz, ha de voltar!
Ó Mãe de Deus, viremos dar
louvor e graça, ao teu altar!

TODOS
Ave Maria!

D. ANTONIO
Porque és mãe piedosa.
Es forte ó Virgem pia!
VOZES, em côro

Ave Maria!

D. ANTONIO
Es forte e pia, ó Mãe cheia de graça!

TODOS
Ave Maria!
D. ANTONIO
Vale-nos Ave Maria!

TODOS
Vale-nos Ave Maria!
VOZES, em côro
Ave Maria!

GONZALES, (em voz baixa a Rui e
Alonso)

Ao vir da noite, ireis bem ocultos,
encontrar-me à gruta do selvagem.

RUI E ALONSO, baixinho
Iremos.

PERI, (que ouviu)
Do seu gesto... do olhar suspeito,
irei prevenir o falso intento

D. ANTONIO
E agora que rogamos
nossas preces, ao altar,
pode vir o bando infame
temos garbo de lutar!

TODOS
temos garbo de lutar!
.....

CECILIA
Levaremos nossos louros
para coroar os nossos bravos!
.....
Coroar!

TODOS
Pode vir o bando infame!
temos garbo de lutar

CECILIA
Vinde pois, chegai depressa
o inimigo a enfrentar.
Levaremos glória e louros
aos valentes coroar.

Seguimento e preparo final do 1.º ato

CENA V

Dueto

CECILIA, (do limiar do solar)
Peri!...
PERI, (retrocedendo)

Senhora?
CECILIA
Atende-me

PERI
Fala!

CECILIA
Ó Peri, porque meu solar deixaste?
Porque? Porque?

PERI
Humilde escravo, oh! aqui sou eu,
nem de cruzar-te a porta
me concedeu a sorte!

CECILIA
Ah!... Que dizes?
Quem é o anjo bom que me salvou da
[morte?

PERI
Sim!... Mas...
o amor de Alvaro
será prazer suave...
bem sei o ardor com que te ama!

CECILIA
Somente ao pai e a mais ninguém
concedo amor...

PERI
É certo?

CECILIA
Eu juro!
E guardarei de ti lembrança imortal...
PERI
Qual?

CECILIA
Que ao furor dos Aimorés, Peri,
fui salva só por ti... Por ti!...

PERI
E crê que é tua,
e há de ser só tua, a minha vida!

CECILIA
Mas dize, porque tens tal cuidado em mim?

PERI
Não sei... Porém...
Sinto uma força indomita
que a ti me atraí e crê:
sinto e não sei dizer-te
nem te dizer porque!
Força que faz do teu sorrir
ou de teu meigo olhar,
flêcha certa que me vem,
o peito meu, sangrar!

CECILIA
Tambem eu pergunto,
inutilmente, a mim,
e te não sei dizer —
porque em minh'alma ha um mistério

que a entenece, e faz, tambem, sofrer!

PERI
Basta um simples gesto, um ai —
que o sangue meu, de guarani
pelo menor desejo teu,
todo darei, por ti.
Mas nem sequer sei exprimir
tudo o que sinto, e crê:
o peito meu não posso abrir,
nem te dizer porque!

CECILIA, (consigo mesma).
Ah! O vivo olhar reflete, ó sim,
todo o sonho em que ele me vê;
pergunto, inutilmente a mim
e não sei dizer porque...

PERI, (num sobressalto)
Mas o tempo voa...
devia estar bem longe...

CECILIA
Onde?

PERI
Onde se tece a trama
de forma tal que infama,
Impunemente, unem-se
traidores vis, crueis.

CECILIA, (agitada)
Quem é traidor?

PERI
Jamais direi!
A mim, conhecer, me basta!

CECILIA
Qualquer caminho é livre,
ó Peri, podes partir —
mas de minh'alma suplice,
a voz procura ouvir

PERI, (consigo mesmo)
Hei de salvar Ceci.

CECILIA
Fiel a nós conservar-te,
volta depressa aqui!...
Confio em teu valor!

PERI
Desdenho a qualquer sorte!

CECILIA
Dos vis declara o nome...

PERI
Prefiro dar-lhes a morte!

CECILIA
Jamais quero perder,
de ti, o nobre afêto, assim...
Peri, resguarda a vida
por meu pobre pai, por mim!
Que si faltar, Peri

o teu audaz valor,
qual de uma planta debil
morrerei, ai, como a flor!

PERI

Nem tal dizer — confia em mim!

CECILIA

Irei morrer qual morre a flor...

PERI

Morrer?

Por Deus, nem tal pensar!

Jamais morrer Ceci!

De mortes mil, impavido,

Salvar-te-á Peri!

Em mim, confia, ó virgem,

fiel te hei de ser!

Por ti, Tupan e a Pátria,

tudo, enfim, posso esquecer!

CECILIA

Enfim, vai!...

Mas... atende-me,

retorna aos lares meus.

PERI

Sim! Adeus!...

Adeus, meu sol primavera!

CECILIA

Meu salvador...

Adeus! Adeus!

PERI

Confia em mim!

CECILIA

Confio em ti!

PERI

Meiga Ceci

CECILIA

Meu salvador...

PERI

Deixo-te, enfim...

Adeus!

CECILIA

Adeus!

(Cecilia entra no solar. Peri sai por

um dos lados).

Cai o pano

SEGUNDO ATO

CENA I

A gruta do selvagem

A direita, uma gruta ampla que ocupa metade da cena; à esquerda, espesso bosque. Junto à gruta, há um grosso tronco de árvore que um raio despedaçou. É noite.

PERI, sozinho, do fundo, vem de rastros, por entre as sébes.

Cheguei a tempo!...

Qual serpente, oculta...

nas urzes, me arrastando!

E vim de rojo...

Tomei a frente e lhes ganhei a estrada!

Graças dou ao destino! Graças dou

[ao destino! A boa sorte!

O olhar esquivo deste emboaba,

o seu falar baixinho...

eis a prova de que é um traidor!

Eis a prova de que é um traidor!

É um traidor!

Oh! Mais que tudo,

um pressentir soturno me atormenta!

Atormenta-me!...

Corre! Vai! diz e ordena —

Algo ordena-me:

ligeiro, sem demora,

vai em socorro de tua senhora!

.....

Tambem eu, eu nasci

em nobre terra, na minha taba —

sempre bela!

Nos perigos, sempre forte!

Sempre bela nos perigos...

E, da sorte,

a estrela me brilhou.

E, do sol, os filhos dizem

que meu pai, as suas armas

por herança, m'as deixou.

Tambem eu, eu nasci em nobre taba,
na minha terra — nobre eu sou —
porque meu pai as suas armas,
ao morrer, m'as deixou!...
Mas, ó virgem...
só ao ver-te —
o jaguar feroz da mata

teu escravo se tornou!

(perscrutando)

Vem traidor, aqui te espéro!

Vem traidor!

Vem desleal!

Aqui estou!

(Esconde-se por trás do tronco)

CENA II

GONZALES

Alguem espreitava, a ouvir...

Espada em punho!

Quem é? Quem é?

PERI

Sou eu que ouvi a trama!

GONZALES

Tu!

(tira o punhal que Peri arrebatou dominando-lhe o braço e fazendo-o ajoelhar)

CENA III

O rancho dos aventureiros

Sala de aspecto rústico. Armas dependuradas, mesas e bancos toscos, cangieiros de vinho, côpos.

RUI E ALONSO, cercados de aventureiros que os ouvem

ALONSO

Ouvistes?

AVENTUREIROS

Ouvimos!

Qual de vós para descobrir a mina,

dizei-me, falai!

Qual de vós o chefe pode ser?

RUI

Gonzales!

AVENTUREIROS

Esse!...

RUI

Que sabe dominar e afronta a morte

AVENTUREIROS

E, nós tambem,

sem qualquer temor,

vamos unir à dêle a nossa sorte!

ALONSO

Certo dareis — sem dúvida —

AVENTUREIROS

Dizer de novo é inutil...

conta de vez com todos!

RUI

Amigos,

vamos ver surgir,

nosso porvir de ouro

e, em manhã assim fulgida,

festejaremos em côro,

VOZES

Com prazer, porvir de ouro

festejaremos em côro!

RUI E ALONSO

Ouro é um ser belo e fecundo

que faz bem a todo o mundo.

sempre novo — embora antigo,

é o primeiro nosso amigo.

Dêle tendo quantidade,

não receio tempestade...

Mas si acaba, com presteza

vem a hora da pobreza...

VOZES

E eu por mim apostarei

que êle, até no inferno, é rei!
OUTRAS VOZES

CENA IV

Canto do aventureiro

GONZALES, entre os aventureiros,
ousadamente
Fiéis amigos, que noticias?...

RUI, ALONSO, AVENTUREIROS
Todos somos fieis a ti!...

ALONSO
E o mistério do grito...
lá na floresta?...

GONZALES, (com vivacidade)
Eia!...

Foi um sonho de douda fantasia.
Não convem perder assim o tempo.
De vez, avante!...
Pois sempre é bom agir depressa!...
E é preciso D. Antonio enganar...
e, com astúcia, faremos crêr,
que esta noite é noite de orgia.

RUI, ALONSO, AVENTUREIROS
Oh! Bem tu pensas!

GONZALES, (empunhando um copo)
Olá! Eia meus bravos!
Aqui o Porto...

e que o cópo doire até os bórdos...
pois que alegre, um tanto,
entoarei o nosso alegre canto.

(Os aventureiros dão de beber a
Gonzales)

GONZALES

Sem ter pátria, sem lar, sem tristeza,
temos vida de prazer.
Seja boa a sorte ou adversa a riqueza —
pouco importa de morrer!...
Toda a vida... se resume...
na mulher do nosso amor!...
Toda a via... se resume...
na mulher... do nosso amor...

Ah!
na mulher do nosso amor.

Ah! Ah!...

Sem ter pátria, sem lar, sem tristeza,
temos vida de prazer...

Ah! Ah!... Ah!

Sem ter pátria, viver sem tristeza — gozar
Nossa vida é amor e prazer!

Eu não sei, enfim, direi —
que até no ceu o gastarei...

ALONSO, RUI, AVENTUREIROS
Seja boa a sorte ou adversa a riqueza,
pouco importa de morrer!...
si a mulher nossa vida resume —
no amor, no amor, no amor!

GONZALES
Ser, não importa, da sorte o joguete
que o destino faz seguir —
si na mira do nosso mosquete
se abre a estrada do porvir!
Sobre a fronte malsinada
a velhice não virá!

Oh!
A velhice, jamais virá!
Ah!...
Sem ter pátria, sem lar, sem tristeza
temos vida de prazer!
Ah! Ah! Ah!...

...
TODOS
Temos vida de prazer!
Temos vida de prazer!
...
Prazer!... Prazer!...

(SINOS) Dá meia noite

GONZALES
Silencio em tudo!
nem um rumor —
que um simples gesto
faz um traidor!

(mostrando uma pistola)
Quando um sinal
de arma se ouvir,
correndo iremos —
sem um rumor...
que, um simples gesto,
faz um traidor!

GONZALES, RUI, ALONSO,
AVENTUREIROS

Todos iremos,
sem receiar...
e pronto o braço
para lutar!

(Saem, Gonzales pela direita e o
coro pela esquerda)

CENA V

O aposento de Cecilia

Alcova à direita; à esquerda, janela ampla, pequena mesa sôbre a qual há uma
candeia e uma guitarra. Ao fundo vê-se uma porta fechada.

BALADA

CECILIA, (encaminhando-se à ja-
nela)
Oh! quanto é belo o céu!...
E a natureza, na hora do silencio,
em seu mistério,
de amor, à nossa alma,
vem falar-nos, em meio a triste calma! —
Nessa hora sutil,
as tuas canções,
Oh! Por que, os teus poemas,
instrumento gentil,
não mais confias
à brisa enamorada?
E, agora,
ressurge do pó do esquecimento!
E o amor, a natureza e Deus
inspirem-te um lamento
que, gemendo,
responda ao meu tormento

CECILIA, (toma a guitarra e após
leves arpejos canta ingenuamente, a
seguinte)

BALADA

Era uma vez um príncipe
esquivo, triste belo.
De todos era o bem querer
e a glória do castelo!
Mas... não sentia amor
e nem queria amar...
Forte, leal, meigo e gentil

qual um sincero amante.
Tinha o olhar fascinador —
mas não sentia amor
e nem queria amar!

...
Mas, enfim, um dia,
pobre jovem, ali,
por êle, acaso, a esmo...
passou...

Deixou-se mudo o príncipe
mas não foi mais o mesmo.
Ele teve de amar!
Sim!... Sim!
Ele teve de amar!

...
Certo, é inutil resistir
ao palpitar divino
que, sobre eternas páginas
escreveu o destino:
Todos devem amar!
Ah!... Todos devem amar,
Amar! Viver sonhando amor!
Sempre amor!
Eternamente amor!
Mas si repouso a fronte,
procuro-te no sonho...
Volta mim —
és o meu defensor, Peri!
Sim... todos devem amar!
Amar!... Viver sonhando amor!
Sempre amor!...
Eternamente amor!

CENA VI

Cena e dueto

GONZALES, transpõe a janela do
quarto de Cecilia e entra com pre-
caução
(num soliloquio)
Tudo é silencio!
Longe a voz do vento, morrendo,
cantou seus últimos poemas.

Mas por que tremo?
Talvez um só momento
vai decidir da minha vida!...
Em breve, o destino, decidirá a sorte...
(ergue a lâmpada e abre a cortina
da alcova. Vê-se Cecilia adormecida)

GONZALES

Oh! quanto é bela!
Sinto ao vê-la a sonhar
um supremo e singular prazer!...
Uma glória que é suprema...
Si me tivesse amor...
Ela, talvez com esse amor,
transfigurar pudesse a mim!
Mas, que digo?
Foi sonho!
Nuvem, quimera!
Todo amor a pulsar no peito,
oculto deve ficar silente!
Gonzales, à infamia,
és, enfim, um vendido!...

(Apoxima-se de Cecilia que de pronto, grita, se ergue e foge)

CECILIA

Céus! Oh!... Quem entra?...
Meus Deus!...

GONZALES

Sem temor, menina...
És para mim altar sagrado!

CECILIA

Oh!...
Mas, como vieste à minha porta
assim em meio à noite?

GONZALES

Amor! Amor foi o meu guia!

CECILIA

Que dizes? Insensato!
Oh!... Quanto aviltra
ouvir o teu lábio dizer, amor...

GONZALES

Amor o lábio não profana

CECILIA

Infame!

GONZALES

Atende!

CECILIA

Já! De pressa!

GONZALES

Atende! Piedade!

CECILIA

A mim tua voz resoa
maldade funesta!

Vai insensato! Parte!

GONZALES

Oh! Por Deus!

Piedade tem de mim!

Ó mulher!

Talvez só tu, mulher,
pudesses, meu destino,
com teu amor divino,
transfigurar...

Só tu! Só tu! Oh! mulher!

E si o sangue destes dedos goteja,
essa mancha cruenta,
só tu podes tirar.

CECILIA

Ó Deus eterno!

Ó Deus, defende-me deste nefando amor!

GONZALES, (solenemente)

Silencio! Silencio, senhora!

Imponho! Siga-me!

CECILIA

Inutil! Jamais!

GONZALES, (ameigando a voz)

Cecilia, segue-me! Cecilia!

CECILIA

Oh! Jamais!

(Gonzales procura segurá-la. Uma
flecha, entra pela janela fere-o na
mão e crava-se à parede).

GONZALES, (corre à janela)

Ai! Ai! dor terrível!

Fui ferido! Ai dor cruel!

CECILIA

Estou salva!

A flecha de Peri!... A flecha de Peri!

GONZALES, (descarrega o arcabuz)

VOZES

As armas! As armas!

GONZALES, a Cecilia

VOZES

Oh! Não sorrias!

As armas! As armas!

D. ALVARO, (correndo)

Oh! Um grito! Um tiro!

(desembainhando a espada)

Aqui, Gonzales?... Que fazes?

CECILIA, caindo nos braços de

D. Alvaro

Estou salva!

GONZALES

Piedade!

(Entram aventureiros precedidos de
Rui e Alvaro).

CENA VII

Os mesmos: D. Alvaro acorrendo, Rui, Alonso, Aventureiros, D. Antonio se-
guido de escudeiros, mulheres da colônia: servos com candeias acesas. Depois, à
janela, Peri.

GONZALES

Vamos tirá-la, de pronto, de seu braço!
Companheiros!

D. ALVARO (a Gonzales, protegendo Cecilia)

Afasta!

D. ANTONIO, (saltando em meio)

Nem mais um passo!

Aqui a vossa espada

podeis cravar no peito meu!

(Aos aventureiros)

E por que aqui viestes?

(Peri surge à janela)

Quem vos trouxe?

Um grave motivo eu julgo!

Oh! Dizei-me! Ordeno!

Em meio a vós, um traidor se encontra!

PERI

Si o desconheces

eu mostrarei!

CECILIA

E quem é? Declara!

RUI E ALONSO

Oh! Céus!

D. ANTONIO

Declara!

PERI, (avança mostrando Gonzales)

Vêde que rosto lívido

de raiva e de terror!

Baixando os olhos...

Vêde, olhai!

É este o traidor!

É este!

(a D. Antonio)

Um dia, amigo, veio aqui,

sincero, bem a ti jurou

mas, depois

quis a revolta lançar

e vil afronta semeou!

Quis seduzir-te a filha

com seu amor infame

e eu o feri e o quis matar...

Olhai!...

Olhai, ferido está!

GONZALES, (confuso)

É falso!

TODOS

Está!

RUI E ALONSO

Oh! Céus!

PERI

Debalde é tentar esconder a verdade!

Debalde é querer mentir!

D. ANTONIO

Que horror!

Oh! No meu tétó —

tal afronta, tal insulto:

não terá o meu indulto

sangue, pranto correrá!...

Sangue, pranto correrá!...

Quem o amigo trai, maldito

para sempre há de ficar!

CECILIA, PERI, ALVARO,

ALONSO

Quem o amigo trai, maldito

para sempre ficará.

TODOS

Lutará junto ao maldito

quem do amigo for traidor...

GONZALES

Indomável, louco afeto

surge em mim qual um gigante,

e o meu rancor é tal,

neste instante cruel,

que ninguém poderá dominar.

TODOS

E do céu seja maldito

quem do amigo for traidor!

GONZALES

Si o meu nome é malsinado,

mais temido ficará.

CECILIA, (consigo)

Ah! Por que sinto a vibrar

minh'alma no peito, aflita,

si um prodigio da sorte bendita

de tal vileza me quis salvar?

PERI

Oh! Rancor atroz que este meu pulso

fez vibrar e tremer na extrema hora...

UMA PRODUÇÃO

CASSIO MUNIZ S. A.

AV. RIO BRANCO, 1457
SÃO PAULO
BRASIL



Imprimiu:

IRMÃOS CORBÓ LTDA.
R. Theodoreto Souto, 808
Fone: 52-0360 - São Paulo
